

O CAMPO E A CULTURA ESCOLARES DE PILAR DO SUL E A IMIGRAÇÃO JAPONESA (1934-1976)

Adriana Aparecida Alves da Silva*

Wilson Sandano**

Recebido: 09 out. 2013

Aprovado: 31 out. 2013

*Doutora em Educação, docente da Universidade de Sorocaba. Sorocaba, SP, Brasil. E-mail: xx.dri@bol.com.br

**Doutor em Educação, coordenador e docente do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade de Sorocaba. Sorocaba, SP, Brasil. E-mail: wilson.sandano@prof.uniso.br

Resumo: Este trabalho investigou a constituição do “campo” escolar de Pilar do Sul (1934-1976). Buscando compreender as transformações que ocorreram no campo escolar após a chegada dos imigrantes japoneses e as mudanças na cultura escolar após o ingresso dos japoneses e descendentes nas escolas. A periodização refere-se de 1934, ano de fundação do Grupo Escolar “Padre Anchieta”, a 1976, ano em que o campo escolar foi redefinido devido à implementação da lei nº 5692 de 1971. Reunimos um conjunto diversificado de fontes: documentos escritos, iconográficos e fontes orais. Podemos destacar que as transformações no campo escolar foram frutos da introdução de novos agentes, os imigrantes japoneses, com, uma bagagem de vida, *habitus* que gerou conflitos e um processo de adaptação nesse espaço que é o campo e que não houve mudanças na cultura escolar, mas sim alterações em alguns aspectos como a reorganização do tempo, espaço e práticas escolares.

Palavras-chaves: Cultura escolar. Pilar do Sul. Imigração Japonesa.

FIELD AND CULTURE FROM SCHOOLS IN PILAR DO SUL AND THE JAPANESE IMMIGRATION (1934-1976)

Abstract: This paper investigates the constitution of the area of schooling in Pilar do Sul (1934-1976). Seeking to understand the changes that occurred in the area of schooling after the arrival of Japanese immigrants and changes in school culture after the entry of the Japanese and their descendants into schools. Periodization refers to 1934, the year the School Group "Padre Anchieta" was founded, until 1976, year in which the school field was reset due to the implementation of Law No. 5692 of 1971. We bring together a diverse set of sources: written documents, iconographic and oral sources. We highlight that the changes in the school field, resulted by introducing Japanese immigrants with a baggage of life, *habitus* that generated conflict and began a adaptation process in this area. There were no changes in school culture but changes in some aspects such as the reorganization of time, space and school practices.

Key words: Schoolculture. Pilar do Sul. Japanese immigration.

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho apresenta parte de pesquisa abordando as transformações do campo escolar de Pilar do Sul e as mudanças na cultura escolar, relacionando-as com o campo social, no período de 1934 a 1976.

Pilar do Sul é uma pequena cidade do interior do Estado de São Paulo, com a economia baseada na produção e comercialização agrícola. Sua origem e o início do processo de urbanização foram marcados pelo transitar de tropeiros, mineiros e pela imigração japonesa.

Os imigrantes japoneses chegaram a Pilar do Sul em 1945, vindos de outras regiões do Estado, com interesse em comprar suas próprias terras, depois de anos de economia no orçamento doméstico. Compraram vastas extensões de terra, constituindo em Pilar do Sul as colônias “Sertão”, “Barra”, “Bandeirantes”, “Sul Brasil” e “Tozan”. Introduziram na região o cultivo de novos produtos agrícolas, como o tomate, a uva Itália e novas formas de produção e comercialização por meio das cooperativas agrícolas, o que contribuiu para o crescimento econômico da cidade.

A presença dos imigrantes japoneses em Pilar do Sul trouxe novos modos de viver e pensar, que foram recebidos ora com euforia, ora com estranhamento, resistência e até revolta. Esses conflitos modificaram o campo social, pois alteraram as relações, as práticas e o cotidiano da cidade como um todo.

Para analisar esses conflitos e mudanças é necessário compreender que os campos são espaços de lutas e conflitos, mantendo ou modificando interesses que lhes são constitutivos. Não são espaços rígidos, mas espaços que se relacionam e se sobrepõem, sem perderem sua autonomia. Segundo Bourdieu (2002, p. 129), o campo é delimitado pelos valores e formas de capital que lhe dão sustentação. A dinâmica social no interior de cada campo é regida pelas lutas em que os agentes procuram manter ou alterar as relações de força e a distribuição das formas de capital específico. Os campos são produto da história das suas posições constitutivas e das disposições que elas privilegiam.

A partir da constituição de um campo acontece uma interiorização dos indivíduos, uma disposição em aceitar determinadas práticas. Isso não acontece de forma individualizada, mas relacionada às condições sociais vividas. Essas disposições são denominadas por Bourdieu como *habitus*.

O CAMPO E A CULTURA ESCOLARES DE PILAR DO SUL E A IMIGRAÇÃO JAPONESA (1934-1976)

O *habitus*, sistema de disposições adquiridas pela aprendizagem implícita ou explícita que funciona como um sistema de esquemas geradores, é gerador de estratégias que podem ser objetivamente afins aos interesses objetivos de seus autores sem terem sido expressamente concebidas para este fim. (BOURDIEU, 1983 p. 94).

O conceito de *habitus* e campo se relacionam e, neste estudo, auxiliam na análise da constituição do campo escolar em sua inter-relação com o campo social. Além desses conceitos, também utilizamos o de cultura escolar, para compreender as mudanças no interior das escolas.

No interior de cada escola existe uma cultura que pode ser considerada peculiar a elas, mas não lhes é restrita, uma vez que essa cultura se relaciona com outras práticas culturais mais amplas da sociedade. Daí afirmar que a sociedade produz a escola e é também por ela produzida, ou seja, os saberes da sociedade perpassam a escola e vice-versa. Entendemos a noção de cultura escolar de acordo com Dominique Julia (2001, p. 10):

Poder-se-ia descrever a cultura escolar como um conjunto de normas que definem conhecimentos a ensinar e condutas a inculcar, e um conjunto de práticas que permitem a transmissão desses conhecimentos e a incorporação desses comportamentos; normas e práticas coordenadas a finalidades que podem variar segundo as épocas.

Viñao Frago (1995, p. 200) também contribui para o entendimento e análise da cultura escolar na medida em que assegura que essa cultura diz respeito às formas de organização, valores, saberes, estratégias e diferentes práticas estabelecidas e compartilhadas no interior das escolas por todos os sujeitos envolvidos nas atividades específicas de natureza escolar, sejam elas realizadas por alunos, professores, outros profissionais da escola ou até mesmo pela comunidade. O autor considera que as acepções para o termo são diversas, assim como são as instituições de ensino.

Dessa forma, utilizamos a cultura escolar como aporte para entender a organização e o funcionamento interno da escola, bem como as práticas escolares, considerando os japoneses e seus descendentes como novos agentes no campo social e escolar de Pilar do Sul, que introduziram novos *habitus*, relações de poder e conflitos nesses âmbitos.

No bojo dessas relações sociais, este trabalho procura analisar a constituição do campo escolar de Pilar do Sul (1934-1976) inter-relacionando, com o campo social e mergulha na cultura escolar, buscando compreender: Quais transformações ocorreram no campo escolar após a chegada dos imigrantes japoneses? Quais as mudanças na cultura escolar após o ingresso dos japoneses e descendentes nas escolas?

O recorte temporal proposto para este trabalho vai de 1934, ano de fundação do Grupo Escolar “Padre Anchieta”, a 1976, ano em que o campo escolar foi redefinido devido à implementação da lei nº 5692 de 1971. Nesse período, o campo escolar de Pilar do Sul foi se constituindo na inter-relação com o campo social, que demandava diferentes configurações de escola.

A princípio, a educação escolar de Pilar do Sul caracterizava-se pelo modelo de escolas isoladas que funcionavam em precárias acomodações. Essa configuração de escola foi substituída pelo Grupo Escolar Padre Anchieta em 1934 (Dec. de 16 de janeiro de 1934), única escola graduada na cidade até 1959, quando o Ginásio Estadual de Pilar do Sul foi fundado. A escola japonesa foi fundada em 1950, em um barracão na colônia Sertão, e funcionava na ilegalidade. Ela permaneceu na ilegalidade por doze anos, realizando suas atividades em casas de colonos, em barracões de armazenamento de uva, em garagens na cidade até receber do governo autorização para funcionar, o que aconteceu em 1962, data em que se instalou em um prédio próprio.

Na tentativa de encontrarmos respostas às nossas indagações, consideramos que são muitos os “lugares de memória” que testemunham a história, e esses lugares fornecem pistas, indícios que possibilitam uma nova leitura dos objetos de investigação (NORA, 1993, p. 13). De porões, no meio de poeira e quinquilharias, de arquivos mortos, armários de secretarias, salas de coordenação, de cantos das bibliotecas emergiram vários acervos. Privilegiamos o levantamento de fontes e dados nos arquivos escolares, da Associação Desportiva Japonesa – KAIKAN, nos órgãos públicos como Câmara Municipal e Prefeitura Municipal e nos guardados pessoais da população.

Além dessas fontes, foram coletados jornais (A Tribuna; O Correio Paulistano), Ofícios, Atas, Decretos da Prefeitura e Câmara Municipal de Pilar do Sul e Sarapuí, Livros da Casa Paroquial, recenseamentos do IBGE, fontes iconográficas (fotos e cartazes encontrados no Museu Histórico da Imigração Japonesa no Brasil) e fontes orais.

Dos diferentes arquivos reunimos um conjunto diversificado de fontes, composto por documentos escritos e iconográficos.

Consideramos que a imagem pode ser uma ferramenta analítica capaz de expressar valores, além de ser um material cultural de uma determinada sociedade. Essa característica faz com que seu mero aspecto ilustrativo seja ultrapassado, o que permite pensar em suas configurações históricas e sociais de produção

Vários autores, como Kossoy (1995), Mauad (2004), Leite (1998), têm enfatizado o

O CAMPO E A CULTURA ESCOLARES DE PILAR DO SUL E A IMIGRAÇÃO JAPONESA (1934-1976)

uso da fotografia nas pesquisas históricas. Para esses autores, é preciso atentar para a leitura das imagens fotográficas, submetendo-as a uma crítica que considere a interação entre fotógrafo, tecnologia, objeto registrado e as múltiplas faces e realidades da imagem fotográfica. A fotografia exprime histórias que falam das representações sociais, das ideias e dos significados de uma determinada época; ao mesmo tempo em que expõe zonas de luz, a fotografia também produz regiões de sombras.

O cotejamento de informações entre as fontes, a fotografia entrelaçada, principalmente, com fontes orais, sem a exclusão das demais foi possível a interpretação das memórias e suas imagens. Segundo Mauad (2004, p. 3):

[...] as imagens não falam por si mesmas, interpretar seus significados, atribuir-lhe valor estético, compreender suas representações sociais, descrever seus espaços de sociabilidades comportamentos subjacentes, identificar seus personagens, tudo isso obriga ao estudiosos das imagens do passado o recurso a outras fontes de informação. Dentre estas, o relato oral, quando possível, é o que mais se acomoda às tramas da memória.

Os depoimentos foram recolhidos em forma de narrativa de vida e história social de diversas pessoas, dentre elas: moradores locais, professores, ex-alunos e funcionários das escolas. A escolha desses sujeitos está ligada ao fato de trazerem experiências profissionais e memórias vinculadas às escolas e ao contexto socio-político-econômico e cultural de Pilar do Sul, no período histórico selecionado para a pesquisa.

As fontes orais se tornaram imprescindíveis para esta pesquisa, principalmente pela falta de documentos escritos sobre os japoneses em Pilar do Sul (além dos poucos escritos em japonês). Le Goff (1990) adverte sobre a ampliação da noção do documento, tomando-o em um sentido mais amplo, “documento escrito, ilustrado, transmitido pelo som, a imagem ou qualquer outra maneira”; ele destaca ainda que na falta do documento escrito cabe ao historiador “fabricar o seu mel, na falta das flores habituais”, com palavras ou outros meios.

Segundo Pollak (1992), por meio dos depoimentos de história de vida recolhemos memórias, que são entendidas como fenômenos individuais, íntimos, pessoais, mas que também podem ser entendidas como um acontecimento coletivo e social, ou seja, “como um fenômeno construído coletivamente e submetido a flutuações, transformações” (p. 2); mas Pollak também lembra que “na maioria das memórias existem marcos ou pontos relativamente invariantes, imutáveis” (p. 2) e, assim como a fonte oral é socialmente construída, também o é a fonte escrita, cabendo ao historiador aplicar a qualquer tipo de fonte a crítica, já que “nem a fonte escrita pode ser tomada tal e qual ela se apresenta” (p. 8).

Seguindo as pistas da investigação e dialogando com as fontes, apresentamos neste trabalho evidências das transformações no campo escolar e mudanças na cultura escolar inter-relacionados com o campo social após a chegada e permanência dos imigrantes japoneses em Pilar do Sul e por fim tece algumas considerações.

2 EVIDÊNCIAS DAS TRANSFORMAÇÕES NO CAMPO ESCOLAR E MUDANÇAS NA CULTURA ESCOLAR INTER-RELACIONADOS COM O CAMPO SOCIAL APÓS A CHEGADA E PERMANÊNCIA DOS IMIGRANTES JAPONESES EM PILAR DO SUL

Durante a Segunda Guerra Mundial, os imigrantes japoneses sofreram com as restrições impostas pelo governo: proibição de possuir aparelhos de rádio, impressão de jornais, livros em japonês, falar a língua japonesa em público, fechamento das escolas, entre outras. Eles ficaram sem informações durante e depois da guerra, o que contribuiu para os conflitos entre os que acreditavam na derrota do Japão na guerra (derrotistas) e aqueles que acreditavam na vitória (vitoristas). Os vitoristas se organizavam na seita Shindo Rennei, que realizava ações e atentados contra os imigrantes que acreditavam na derrota do Japão na guerra.

A Shindo Rennei atuou principalmente na região oeste paulista, e devido aos constantes atentados e conflitos, muitas famílias japonesas resolveram mudar para regiões em que os conflitos eram mais amenos ou não acontecessem, e assim pudessem encontrar terras com preço acessível para compra.

Pilar do Sul, assim como outras cidades da região de Sorocaba, este entre algumas das cidades nas quais os imigrantes japoneses encontraram terras acessíveis para compra e distantes das regiões de conflito.

Os imigrantes japoneses chegaram a Pilar do Sul em 1945, com o objetivo de comprar suas próprias terras e se estabeleceram, trabalhando na agricultura. Os japoneses e descendentes eram novos agentes no campo social e no campo escolar de Pilar do Sul; compreender seu *habitus* contribui para analisarmos as mudanças no campo social e no campo escolar de Pilar do Sul no período investigado.

À medida que as condições sociais e históricas foram sendo alteradas, o *habitus* dos antigos moradores e dos imigrantes japoneses também se modificou, e foram incorporando outros esquemas de percepção e ação que contribuíram para a conservação ou a transformação do próprio *habitus* e do campo social e escolar .

O CAMPO E A CULTURA ESCOLARES DE PILAR DO SUL E A IMIGRAÇÃO JAPONESA (1934-1976)

A consolidação dos campos não se constituiu de forma neutra e aleatória. Eles estavam inseridos num determinado contexto e foram sendo determinados com os agentes sociais envolvidos neste processo: os antigos moradores da cidade, os agentes que compõem e definem a estrutura e organização escolar e os imigrantes japoneses. Por isso é preciso perceber que:

Nos diferentes campos, existe uma correspondência entre as divisões objetivas do mundo social, notadamente entre dominantes e dominados – e os princípios de visão e de divisão que os agentes lhe aplicam. [...] A exposição repetida às condições sociais definidas imprime nos indivíduos um conjunto de disposições duráveis e transferíveis, que são a interiorização da realidade externa, das pressões de seu meio social inscritas no organismo [...] (BOURDIEU, 2002, p. 68).

O campo social de Pilar do Sul, como um espaço de lutas e conflitos, sofreu modificações com a chegada dos imigrantes japoneses. Essas modificações foram construídas num processo lento e gradual de estranhamento e interação entre os antigos moradores e os recém-chegados, os japoneses e descendentes.

Os imigrantes japoneses, no processo de estranhamento e interação, foram se constituindo novos agentes no campo social, que acabou sofrendo modificações na produção agrícola, na organização econômica, nas práticas culturais e no campo escolar.

Uma das primeiras mudanças no campo social foi a introdução do cultivo de novos produtos agrícolas, com técnicas adequadas que favoreciam o aumento da produção, como o uso de fertilizantes, o que gerou maior produtividade e movimentou a economia. A maioria dos produtos era vendida em cidades maiores, como Sorocaba e São Paulo. A forma de produção e comercialização foi organizada pelo sistema de cooperativas, o que possibilitou maior produção e a comercialização em outras cidades, além de lucro.

Esse sistema de cooperativas influenciou a criação da Casa da Agricultura em 1958 (Lei nº 177 de 23 de setembro de 1958), que prestava assistência técnica, distribuía mudas e sementes, e incentivou o cultivo de novos produtos, além da criação de gado.

Em 13 de setembro de 1958 foi fundada a Associação Rural de Pilar do Sul, com 44 sócios, a qual em 1962 já contava com 193 sócios. Era uma agremiação que tinha por finalidade contribuir com o aumento da produção e maior comercialização dos produtos agrícolas de seus sócios.

O fortalecimento da economia rural contribuiu para o crescimento do comércio e para melhorias na infraestrutura da cidade, como rede de água, esgoto, energia elétrica, correio, telefonia, entre outras.

Em Pilar do Sul, desde a sua chegada, os japoneses se relacionavam mais com seus pares devido à dificuldade de falar português e também com intuito de manter suas tradições. A população pilarense manteve as comunidades separadas por uma barreira de preconceito e mecanismos de controle por anos. Essa barreira começou a ser dissolvida aos poucos, com o convívio cotidiano, nas brincadeiras entre as crianças, pela relação de trabalho - patrões (imigrantes japoneses) e empregados (os antigos moradores e imigrantes japoneses recém-chegados) e com a fundação da Escola de Língua Japonesa e internato, dentro da legalidade, em 1962.

No final da década de 50 e 60 descendentes japoneses já participavam da vida política da cidade. Foram eleitos vereadores em vários mandatos e houve até mesmo um candidato a vice-prefeito, que não foi eleito.

Nas fotos a seguir podemos observar a participação dos japoneses e descendentes em alguns eventos culturais e políticos da cidade.

Todo ano era comemorado o aniversário de emancipação política da cidade com várias atividades, entre elas, um desfile cívico pelas ruas, que mobilizava o comércio, os órgãos públicos, as associações e principalmente as escolas. Estas desfilavam organizando pelotões com temas, caminhões enfeitados e fanfarras. As figuras a seguir registram a participação da Escola de Língua Japonesa e Internato com pelotões e caminhões enfeitados e a participação da Cooperativa Agrícola Cotia e da Cooperativa Agrícola Sul Brasil nos desfiles.

O movimento de participação nesse evento demonstra o processo de interação por meio das atividades sociais, culturais e econômicas, pois o desfile, além de ser um evento cultural, também é um espaço de demonstração de status e poder econômico. Ele é um meio de as escolas demonstrarem e valorizarem seu trabalho apresentando com pelotões bonitos e disciplinados. Para o comércio e as associações, é um espaço principalmente para demonstrar o crescimento econômico e fazer propaganda dos produtos.

Para a Escola de Língua Japonesa e Internato, o desfile era um espaço para apresentar um pouco das tradições culturais japonesas e homenagear a terra que a recebeu. As Cooperativas Agrícolas: Cotia e Sul Brasil, além de trazerem um pouco das tradições japonesas e homenagem ao Brasil, demonstravam o crescimento econômico, apresentando sua frota de caminhões e exemplares da produção agrícola.

O fato de a Escola de Língua Japonesa e Internato e as Cooperativas Agrícolas japonesas terem conquistado um espaço nos eventos e principalmente no desfile de aniversário da cidade evidencia o processo de quebra de barreiras e de assimilação desses novos agentes no campo social de Pilar do Sul.

O CAMPO E A CULTURA ESCOLARES DE PILAR DO SUL E A IMIGRAÇÃO JAPONESA (1934-1976)

Figura 1- Caminhão da Cooperativa Agrícola Cotia no desfile de aniversário de Pilar do Sul.



Fonte: Arquivo pessoal da professora MiyoYoshiba

Figura 2 - Caminhão da Cooperativa Sul Brasil no desfile de aniversário de Pilar do Sul.



Fonte: Arquivo pessoal professora MiyoYoshiba

Figura 3 - Alunas da Escola Japonesa e Internato no desfile de aniversário de Pilar do Sul.



Fonte: Arquivo pessoal professora Miyo Yoshiba

As figuras 04, 05 e 06 retratam eventos culturais, com apresentações de dança e artes marciais no Salão PIO X, aberto a toda população pilarense e realizado no final da década de 60.

Figura 4 - Dança tipicamente japonesa.



Fonte: Arquivo pessoal família Takahashi

O CAMPO E A CULTURA ESCOLARES DE PILAR DO SUL E A IMIGRAÇÃO JAPONESA (1934-1976)

Figura 5 - Apresentação de artes marciais.



Fonte: Arquivo pessoal família Takahashi

Figura 6 - Grupo de jovens do Kaikan, nos bastidores da apresentação que iria homenagear os Estados brasileiros.



Fonte: Arquivo pessoal professora MiyoYoshiba

As mudanças no campo social repercutiram em mudanças no campo escolar, primeiro com o ingresso dos filhos dos imigrantes nas escolas primárias estaduais e, em seguida, com a contribuição dos japoneses e descendentes para a fundação do Ginásio Estadual de Pilar do

Sul e a criação de uma nova escola para compor o campo escolar: a Escola de Língua Japonesa e Internato.

Entre as diferentes nacionalidades dos imigrantes que chegaram ao Brasil, os japoneses eram o povo que tinha grande preocupação com a valorização da educação. A preocupação dos imigrantes japoneses com a educação dos filhos seria uma continuidade da atitude valorizada no Japão, principalmente por parte daqueles que vivenciaram a Era Meiji, segundo Miyao (1980, p. 91), período em que a educação foi considerada a coisa mais importante da vida.

Como descrevemos anteriormente, houve um processo gradual de interação dos novos agente no campo social. Essa interação foi impulsionada por vários fatores já descritos, porém é importante destacar que o principal deles foi o fortalecimento econômico das colônias.

Com o fortalecimento econômico das colônias, boa parte dos japoneses e descendentes começaram a deter poder econômico na cidade, modificando as relações econômicas e tendo uma ascensão social, o que os tornava parte da classe dominante pilarense.

A ascensão social dos imigrantes japoneses é um dos fatores que influenciaram a constituição do campo escolar, pois ela auxiliou na fundação do Ginásio Estadual de Pilar do Sul e na legalização da Escola de Língua Japonesa.

Segundo Silva (2007), o Ginásio Estadual de Pilar do Sul foi uma reivindicação da classe dominante local. Na ata da primeira reunião de pais e mestres do Ginásio Estadual de Pilar do Sul, em 1960, encontramos agradecimentos aos pais dos alunos que arrecadaram fundos para compra dos materiais necessários ao bom funcionamento da escola, dentre eles japoneses e descendentes.

Analisando a lista da primeira classe matriculada em 1959 e o prontuário dos alunos do Ginásio Estadual de Pilar do Sul, concluímos que nesse ano 13% dos alunos eram japoneses ou descendentes, e no período de 1960 a 1971 os japoneses ou descendentes chegaram a 31%. Há um crescimento de alunos japoneses ou descendentes depois de 1962, ano em que a Escola de Língua Japonesa começou a funcionar dentro da legalidade e que o internato foi fundado.

A Escola de Língua Japonesa foi criada em 1950, na colônia do Sertão, e foi mantida funcionando na ilegalidade por doze anos, mesmo recebendo avisos do diretor do Grupo Escolar “Padre Anchieta” sobre a não permissão de seu funcionamento, pois, era proibido o ensino em língua estrangeira para crianças menores de doze anos. Mesmo com os constantes avisos e ameaças de que os pais poderiam ser presos se a escola fosse descoberta em

O CAMPO E A CULTURA ESCOLARES DE PILAR DO SUL E A IMIGRAÇÃO JAPONESA (1934-1976)

funcionamento, ela foi mantida até 1962, quando a Escola de Língua Japonesa e Internato começaram a funcionar dentro da legalidade, no centro da cidade.

A legalização da Escola de Língua Japonesa e Internato, além de modificar a constituição do campo escolar, inseriu nele novos agentes, ou seja, uma nova cultura escolar que interferiu direta ou indiretamente nas práticas das demais escolas que constituíam o campo escolar de Pilar do Sul no período investigado.

A escola primária, desde o início da República, era revestida de um caráter nacionalista, valorizando a formação moral e cívica e tendo em vista o disciplinamento e a formação do cidadão. O Grupo Escolar “Padre Anchieta” e as escolas isoladas rurais de Pilar do Sul tinham sua organização e suas práticas norteadas por essa política nacionalista, uma vez que eram consideradas como um espaço da cultura, capaz de ser um agente transformador de moralização e civismo.

Com o ingresso dos alunos japoneses e descendentes, as ideias de moralização dos costumes, hábitos de higiene e principalmente de civismo e amor à pátria são assumidos como fundamentais pela organização pedagógica, norteadas as práticas das escolas primárias. Os imigrantes japoneses eram vistos como uma ameaça e eram os principais alvos no ensino da educação moral e cívica, pois eram estrangeiros com costumes e tradições peculiares que enalteciam o Japão.

Tendo em vista as peculiaridades das colônias que faziam questão de manter as tradições japonesas, o preconceito contra os japoneses e o caráter nacionalista que norteara as práticas das escolas primárias do Grupo Escolar “Padre Anchieta” e das escolas isoladas, há uma reorganização dessas instituições com o objetivo de nacionalizar as colônias.

No conjunto de Atas das Reuniões Pedagógicas do Grupo Escolar “Padre Anchieta” e das escolas isoladas rurais, observamos a organização dos tempos, dos espaços e das práticas tendo em vista a moralização, o civismo e o patriotismo, com o objetivo de formar o cidadão e principalmente homogeneizar os imigrantes japoneses na sociedade brasileira.

Essa missão de homogeneizar os imigrantes japoneses era realizada durante as lições da língua pátria, pois as atividades de linguagem oral e escrita se constituíam em uma ação que moldava o comportamento. Falar com “moderação no tom de voz e velocidade de razoável pronúncia”, escrever com correção e letra legível são demonstrações de uma cultura erudita. As dificuldades dos imigrantes japoneses em falar o português impuseram aos professores novas práticas, principalmente no processo de alfabetização, pois o aprendizado do oral era fundamental para que a alfabetização acontecesse. Nas Atas das Reuniões Pedagógicas do Grupo Escolar e Escolas Isoladas o diretor e professores escrevem sobre a

metodologia do ensino da língua pátria, “que está ligada ao ambiente da criança, daí a necessidade do entrelaçamento entre Escola e Família nas reuniões mensais da Associação de Pais e Mestres; que a metodologia da Língua Pátria estava dividida em áreas: Leitura, Linguagem oral e Escrita” (Ata da reunião pedagógica do Grupo Escolar “Padre Anchieta” e Escolas Isoladas, 1964, p. 16). O ensino de geografia e história do Brasil, engrandecendo as riquezas, os personagens históricos, conhecendo a cultura, as tradições por meio das festas cívicas e rituais.

As festas e rituais no cotidiano escolar eram práticas que elevavam o caráter da criança, moralizando os costumes e disciplinando as ações. A organização pedagógica dessas escolas era norteadada pela finalidade atribuída a elas como disseminadoras de sentimentos de amor à pátria; visava-se um espaço alfabetizador e nacionalizador do imigrante e do trabalhador rural.

O Ginásio Estadual de Pilar do Sul sofreu interferência da Escola de Língua Japonesa na organização do tempo escolar e em algumas atividades escolares. Nas atas de reunião de pais e mestres encontramos informações sobre a organização do tempo escolar. Os pais dos alunos japoneses e descendentes pressionavam o ginásio para oferecer suas atividades em horário diferente do da escola japonesa. Assim, caso as aulas da escola japonesa fossem no período da manhã, as aulas do ginásio seriam à tarde. Era comum que muitos alunos japoneses ou descendentes dessem prioridade para participação das atividades da escola japonesa; caso acontecessem festas ou comemorações cívicas em horários concomitantes com as atividades da escola japonesa os alunos preferiam as atividades dela. Essa postura dos alunos japoneses ou descendentes gerava conflitos, pois o ginásio sempre exigia a presença dos alunos nas atividades, o que raramente conseguia.

As mudanças nas práticas escolares são maiores, principalmente, nas escolas primárias. Quando a criança ingressava no Ginásio Estadual de Pilar do Sul, ela já havia passado pelo processo de disciplinamento, assumido como tarefa nas escolas primárias.

Analisando os depoimentos de professores e ex-alunos, percebemos o movimento de disciplinamento dos alunos. Quando os alunos japoneses ou descendentes ingressavam no primeiro ano, eles tinham mais dificuldades na aprendizagem, na integração e na língua; conforme eles avançavam no ensino primário, as dificuldades iam diminuindo.

Com a chegada dos imigrantes japoneses em Pilar do Sul, houve mudanças no campo social e principalmente um direcionamento na constituição do campo escolar. O campo social, com seus contextos político, econômico e cultural, conduziu o campo escolar, estabelecendo a

O CAMPO E A CULTURA ESCOLARES DE PILAR DO SUL E A IMIGRAÇÃO JAPONESA (1934-1976)

criação de novas escolas – Ginásio Estadual de Pilar do Sul e a Escola de Língua Japonesa e Internato e mudanças em suas práticas escolares.

3 CONSIDERAÇÕES

Neste trabalho, propusemo-nos destacar evidências das transformações do campo escolar e as mudanças na cultura escolar, inter-relacionando-as com o campo social de Pilar do Sul, considerando que as transformações no campo social e escolar de Pilar do Sul, no período investigado, foram frutos da introdução de novos agentes, os imigrantes japoneses, com formas de viver e pensar diferentes, uma bagagem de vida, *habitus*, que gerou conflitos, um processo de adaptação do *habitus* nesse espaço que é o campo.

Podemos destacar que após a chegada e permanência dos imigrantes japoneses em Pilar do Sul, o campo escolar passou por transformações, com a criação de novas escolas para atender às demandas do campo social e por mudanças em alguns aspectos da cultura escolar, com o ingresso dos japoneses e descendentes nessas escolas.

O campo escolar era constituído pelo Grupo Escolar “Padre Anchieta” e as Escolas Isoladas Rurais. Cinco anos após a chegada dos imigrantes japoneses, em 1950, foi fundada a Escola de Língua Japonesa, que permaneceu por doze anos na ilegalidade. Em 1959, com o envolvimento dos japoneses e descendentes, o campo escolar foi reconfigurado, sobretudo a partir da fundação do Ginásio Estadual de Pilar do Sul e em 1962, quando a Escola de Língua Japonesa começou a funcionar dentro da legalidade e fundado o internato.

Para investigar as mudanças na cultura escolar após o ingresso dos japoneses nas escolas que constituíam o campo escolar, observamos as práticas escolares, trazendo para análise questões ligadas aos aspectos internos da escola, como a distribuição do tempo, dos espaços escolares, da organização e seu funcionamento interno. No interior da escola são produzidas maneiras de pensar e de agir que oferecem a todos os sujeitos envolvidos no processo educativo “estratégias e pautas para desenvolver tanto nas aulas como fora delas” (VIÑAO FRAGO, 1995).

Quando analisamos a cultura escolar das escolas que constituem o campo escolar de Pilar do Sul, estamos olhando para diferentes culturas escolares, do Grupo Escolar “Padre Anchieta”, das escolas isoladas rurais, do Ginásio Estadual de Pilar do Sul e da Escola de Língua Japonesa e Internato, e não podemos afirmar que o ingresso dos japoneses e seus descendentes modificaram a cultura escolar, mas que houve alterações em alguns aspectos, como a reorganização do tempo e espaço escolar e principalmente em suas práticas.

REFÊRENCIAS

- BOURDIEU, Pierre. **Pierre Bourdieu entrevistado por Maria Andréa Loyola**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2002.
- BOURDIEU, Pierre. **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.
- JULIA, Dominique. A cultura escolar como objeto histórico. **Revista Brasileira de História da Educação**, Campinas, n. 01, p. 9-43, jan./jun. 2001.
- KOSSOY, B. **Fotografia e história**. São Paulo: Ática, 1995
- LE GOFF, Jacques. **Historia e memória**. Campinas: Ed. UNICAMP, 1990.
- LEITE, M. L. M. Retratos de família: imagem paradigmática no passado e no presente. In: SAMAIN, E. (org.). **O fotográfico**. São Paulo: Hucitec/CNPq, 1998.
- MAUAD, Ana Maria. Fotografia e história: possibilidades de análise. In: CIAVATA, Maria; ALVES, Nilda (org.). **A leitura de imagens na pesquisa social**. História, comunicação e educação. São Paulo: Cortez, 2004. p. 19-36
- MIYAO, S. Posicionamento social da população de origem japonesa. In: SAITO (org.). **A presença japonesa no Brasil**. São Paulo: T.A. Queiroz/Edusp, 1980.
- NORA, Pierre. Entre memória e história. A problemática dos lugares. **Projeto História**, São Paulo, n. 10, p. 7-28, dez. 1993.
- POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.
- SILVA, Adriana A. A. **Gênese do ensino secundário estadual em Pilar do Sul (1957 – 1971)**. 2007. 112 p. Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade de Sorocaba, Sorocaba, SP, 2007.
- VIÑAO FRAGO, Antonio. **Historia de la educación e historia cultural**: posibilidades, problemas, cuestiones. **Revista Brasileira de Educação**, São Paulo, n. 0, p. 63-82, 1995.